

# ACTES DE LES JORNADES SOBRE TERRASSES I PREVENCIÓ DE RISCS NATURALS

## ACTAS DE LAS JORNADAS SOBRE TERRAZAS Y PREVENCIÓN DE RIESGOS NATURALES

Mallorca, 14, 15 i 16 de setembre de 2006



# AGRICULTURA EM TERRAÇOS: OS CASOS DE BAIÃO, MESÃO FRIO, PESO DA RÉGUA E STA. MARTA DE PENAGUIÃO

C. Hermenegildo; H. Pina; S. Pereira; A. Seixas

Departamento de Geografia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Via Panorâmica S/N. 4150-564 - Porto  
flup@letras.up.pt; www.letras.up.pt

## RESUMO

A sustentabilidade da paisagem de terraços agrícolas depende do dinamismo da actividade agrícola. A evolução recente dos territórios vocacionados para estas práticas tem revelado tendências de abandono ou de alteração das técnicas tradicionais, resultando em situações de desequilíbrio socioeconómico e instabilidade do meio físico.

Com base neste enquadramento propõe-se uma reflexão, com base num conjunto de indicadores estatísticos e da sua distribuição no território, sobre os factores preponderantes para a alteração das paisagens de terraços.

A área em observação integra as Zonas Piloto do projecto TERRISC – concelhos de Baião, Mesão Frio, Peso da Régua e Santa Marta de Penaguião. De todos, apenas o de Baião, vocacionado para a produção de vinhos verdes, não integra a Região Demarcada do Douro (RDD).

Os municípios da RDD apresentam um sector agrícola mais activo, com maior grau de mecanização e menor percentagem de abandono, ou seja, com melhores perspectivas de futuro. Porém, é também aí onde a paisagem de terraços em pedra seca está em regressão, dando lugar a outras formas de armação de terreno nem sempre consentâneas com a sustentabilidade da paisagem e dos territórios.

**Palavras chave:** desenvolvimento, sustentabilidade, paisagem de terraços, património, integração.

## RESUMEN

La sostenibilidad del paisaje de terrazas agrícolas depende del dinamismo de la actividad agrícola. La evolución reciente de los territorios dedicados a estas prácticas ha revelado tendencias de abandono o de alteración de las técnicas tradicionales, comportando situaciones de desequilibrio socioeconómico e inestabilidad del medio físico.

Basándose en esta estructura se propone una reflexión, a partir de un grupo de indicadores estadísticos y de su distribución en el territorio, sobre los factores preponderantes para la alteración de los paisajes de terrazas.

El área de observación integra las Zonas Piloto de TERRISC - comarcas de Baião, Mesão Frio, Peso da Régua y Santa Marta de Penaguião. De todos, sólo el territorio de Baião, orientado a la producción de vino verdes no integra la área de Demarcata de Duoro (RDD).

Los distritos municipales de RDD tienen un sector agrícola más activo, con mayor grado de mecanización y porcentajes más pequeños de abandono, en otras palabras, con mejores perspectivas futuras.

Sin embargo, también es allí donde el paisaje de terrazas en piedra en seco se encuentra en regresión, dando lugar a las otras formas de marco de región no siempre respetuosas con la sostenibilidad del paisaje y de los territorios.

**Palabras clave:** desarrollo, sostenibilidad, paisaje de terrazas, patrimonio, integración.

## 1. INTRODUÇÃO

O território do Norte de Portugal apresenta paisagens marcadas por factores naturais e pelo seu percurso de consolidação histórico-cultural, económico, social e ambiental. Distinguem-se áreas de forte concentração populacional a Oeste, em oposição a espaços cada vez mais rarefeitos de ocupações em direcção ao interior, pontuados por cidades, de pequena e média dimensão, mobilizadores da vida local. Nestes últimos, a prática agrícola permanece em destaque no contexto das actividades económicas, mas não sem revelar alterações resultantes do abandono ou, simplesmente, da mudança das técnicas utilizadas no arranjo dos espaços de cultivo. Esta é uma questão particularmente relevante quando daí advêm consequências quer no plano social e económico das regiões, quer no equilíbrio físico das paisagens em causa – problemática em estudo no projecto TERRISC, no âmbito do qual se elegeram quatro concelhos – Baião, Mesão Frio, Peso da Régua e Santa Marta de Penaguião (Fig. 1), onde se instalaram campos experimentais a fim de monitorizar os processos hidrológicos em vertentes organizadas em terraços agrícolas.

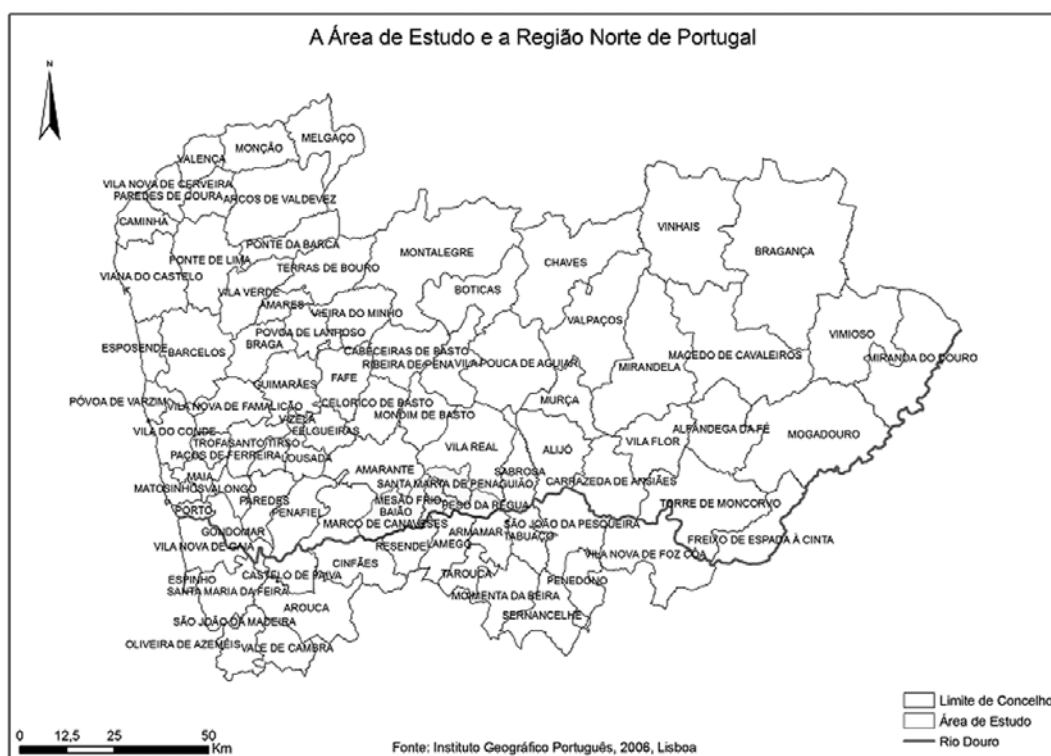


Figura 1.

Localizados na margem direita do rio Douro, estes municípios inserem-se num espaço com declives bastante acentuados, ultrapassando com frequência os 35°, em particular acima dos 450 m, modelado que apenas é interrompido entre os 150 e os 450 metros de altitude – secção com melhores condições para o desenvolvimento do povoamento. Baião apresenta características associadas aos espaços de maior densidade de ocupação do Noroeste, com clima de feição atlântica e o granito como substrato geológico e, os restantes, enquadram-se na unidade territorial do Alto Douro, de formação xisto-grauváquica e clima de matriz mediterrânea.

As diferenças não se esgotam na base geológica ou nas características climáticas, apesar destes condicionalismos interferirem no tipo de ocupação do solo e na respectiva valorização social. Nesta paisagem ocorreram diversas mutações, sobretudo a partir da Idade Média quando se multiplicaram os arroteamentos, substituindo a densa cobertura arbórea por espaços agricultados onde se implantou uma policultura de baixa produtividade. Por outro lado, para ultrapassar os fortes declives, construíram-se terraços - técnica privilegiada para a sustentação dos solos agrícolas num espaço onde a sobrevivência dos agregados familiares decorria do rendimento do património fundiário de reduzidas dimensões que possuíam, associado às jornas efectuada nas quintas.

Trata-se de um património que se subdividiu geracionalmente, multiplicando as explorações agrícolas de área insignificante, sempre associadas a uma paisagem em terraços, com muros construídos em granito aparelhado, cuja manutenção exigia o trabalho de toda a família. O aumento da produtividade para assegurar os aumentos demográficos verificados até meados do século XX, era conseguido, nas proximidades de linhas de água, através da construção de “poças” e canais de irrigação adstritos.

A partir da segunda metade da década de setenta do século XX registou-se uma expansão e diversificação económica regional associada à melhoria das acessibilidades rodoviárias. Pelo contrário, os fluxos migratórios deram origem a abandonos dos espaços agrícolas em Baião, sobretudo dos que possuíam pior enquadramento físico e dos que se encontravam mais afastados da sede da exploração agrícola. Assim se reduziu a manutenção dos terraços tradicionais, enquanto a vegetação infestante proliferava, diminuindo a coalescência dos muros, o que facilita o seu desmoronamento. Apesar de escassas, persistem contudo algumas explorações agrícolas bem dimensionadas e que ostentam uma elevada rentabilidade - caso da Fundação Eça de Queiroz, localizada em Santa Cruz do Douro, que investiu no vinho verde “Tormes” de elevada qualidade.

Para Leste, nos concelhos de Mesão Frio, Santa Marta de Penaguião e Peso da Régua, a paisagem é substancialmente diferente. Embora persistam alguns traços de continuidade, como os fortes declives, o substrato geológico é constituído por xisto-grauvaques, o clima é de matriz mediterrânea, com precipitações anuais inferiores a 900 mm e em regressão acelerada para Oriente. Mas foi sobretudo o seu historial que diferenciou esta unidade territorial da anterior – espaço delimitado em 1756, a Região Demarcada do Douro (RDD), sobreviveu a diversas vicissitudes de âmbito social, cultural e económico. Aí se desenvolveu o sector vitivinícola mercantilista, com forte incidência empresarial e vertente exportadora indelével, que motivou a transformação de um espaço com carências hídricas e condições de acessibilidade muito precárias. Assim, surgiu uma paisagem em terraços de xisto, onde a acção antrópica criou o solo, aproveitou os blocos provenientes da desagregação do xisto para a construção dos muros de suporte e de canais de escoamento das águas pluviais, exemplo de uma “engenharia hidráulica” notável para a época.

Estas características técnicas evoluíram ao longo dos tempos, sobretudo na sequência de crises profundas, como a filoxera, mas também em quadros expansionistas como sucedeu desde a década de 70 do século passado. O cenário era apelativo, dando lugar ao aumento da vinha – nos núcleos de maior historial esta ocupa mais de 70% da área total e, nas freguesias menos atractivas, ultrapassa os 30%. Note-se que, em Baião, a vinha apenas em casos excepcionais ocupa 15% da Superfície Agrícola Utilizada (SAU), sendo comuns as freguesias onde as videiras apenas envolvem as habitações e seus acessos.

Este quadro reflecte ainda a orgânica vitícola regional: de acordo com as características técnicas dos prédios rústicos e a qualidade das castas, classificaram-se os vinhedos, aproximando-se do rio Douro os de melhor qualidade, matriz que se mantém até cerca dos 350 m. Acima desta altitude a qualidade regride, sobretudo acima de 500 m, onde a maior dificuldade em produzir Vinho de Porto dá lugar a pomares e floresta. Mesmo assim, nestas freguesias menos privilegiadas em termos vitícolas, dada a existência de solos a preço acessível, incrementa-se a vinha antevendo uma possível “transferência”<sup>1</sup> lucrativa. Assim se amplia a SAU.

Nas freguesias ribeirinhas, pelo contrário, inscrevem-se as grandes apostas empresariais, onde se regista expansão e renovação dos vinhedos, e adopção de novas técnicas na armação do terreno<sup>2</sup> facilitadoras de uma maior taxa de mecanização, mas também de alguma descaracterização deste espaço. A eliminação dos canais de escoamento, o seu soterramento ou, ainda, a transformação do relevo, contam-se entre outras acções que, em muitos casos, alteraram o equilíbrio destas paisagens. Nas restantes explorações as renovações são contidas. De facto, apesar do cenário cultural e paisagístico apresentado ser favorável, o sector vitivinícola duriense apoia-se numa estrutura fundiária preocupante e num quadro social

1 Quando os vinhedos de menor qualidade necessitam de uma reestruturação, os seus proprietários solicitam uma licença para tal. Posteriormente vendem-na a quem se habilitar, embora na generalidade dos casos sejam as firmas produtoras capitalizadas as suas aquisitoras. Estas, munidas da autorização, substituem os espaços ainda ocupados pelo olival, floresta ou mato, pelos vantajosos vinhedos. O proprietário que vendeu a licença é obrigado, por sua vez, a destruir o vinhedo que foi “transferido” para espaços onde se produz vinho de melhor qualidade.

2 Na década de setenta surgiram os terraços com taludes em terra, enquanto a partir dos anos oitenta se implantou a vinha ao alto (até 35° de declive), técnica alheia à Região. Pontuam também a vinha em patamares e, ocasionalmente, em espaços onde o declive se suaviza, vinha sem armação de terreno.

débil, cenário agravado com os excedentes vínicos. Neste contexto, abreviam-se os trabalhos agrícolas e descuidam-se a manutenção dos muros, dando lugar a abandonos. Todavia, nos concelhos vitícolas em análise raramente atingem os 3% de SAU<sup>3</sup>.

Em síntese, a multiplicação dos terraços ter-se-á processado em paisagens distintas com dinâmicas diferenciadas – em Baião as apostas empresariais são exíguas, generalizando-se o abandono das explorações agrícolas e a degradação da paisagem e, no Alto Douro vinhateiro, dada a rentabilidade vínica e a forte aposta empresarial, prossegue uma paisagem de terraços em mutação, mas com especificidades que proporcionaram a classificação de uma parte como Património da Humanidade.

## 2. A ESTRUTURA FUNDIÁRIA

Hoje, as paisagens em observação debatem-se com múltiplos problemas para a sua manutenção, em grande parte devido a questões centrais como as decorrentes da estrutura fundiária, as interferências que resultam do perfil cultural do agricultor ou a degradação paisagística. Na tentativa de responder a parte destas questões analisar-se-ão alguns indicadores dos Recenseamentos Agrícolas de 1989 e 1999 (INE).

No final do século XX o sector agrícola dominava a estrutura económica da área em análise. Em Baião, a paisagem de morfologia montanhosa associava-se a uma agropecuária tradicional de estrutura familiar, insolvente em termos económicos, com abandono dos espaços agrícolas e o despovoamento. Já na RDD evidenciava-se sobretudo um contexto económico associado ao Vinho do Porto e secundado por vinhos DOC<sup>4</sup>, VQPRD<sup>5</sup> e outros regionais.

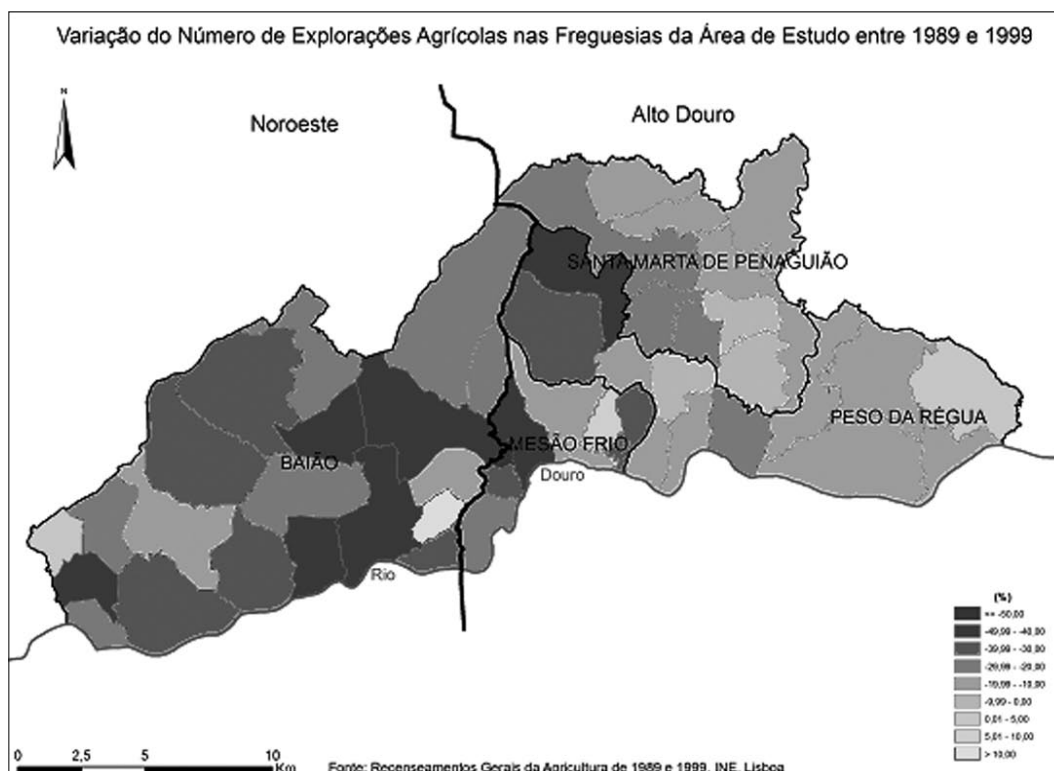


Figura 2.

A dimensão média das explorações agrícolas<sup>6</sup> (S.A.U.), revela um espaço que, já em 1989, denotava alguns problemas, em particular nas cotas mais elevadas de Baião. Na verdade, embora a dimensão média das explorações neste concelho atingisse os 4,12 ha, as assimetrias multiplicavam-se surgindo os valores mais significativos nas freguesias onde persiste o impacto de antigos domínios monásticos

3 Já em Baião os abandonos podem atingir os 18% dos prédios, valor que tende a ampliar-se rapidamente.

4 Denominação de Origem Controlada.

5 Vinho de Qualidade Produzido em Região Determinada.

6 Apesar deste item ser insuficiente para a caracterização da estrutura fundiária.

ou senhoriais, a que se associavam áreas com forte implantação de baldios. Estes valores, ainda assim, situavam-se entre 4 e 7,6 ha, mas eram as explorações com 1,47 a 3,5 ha que dominavam. Esta situação degradou-se em 1999, com excepção das freguesias onde se concretizaram investimentos recentes na vinha ou nos pomares, geralmente localizadas nas proximidades da RDD e com condições de acessibilidade que asseguravam o escoamento das produções.

Na unidade territorial duriense, em 1989 as explorações agrícolas apresentavam uma dimensão média de cerca de 2,5 ha, mas em algumas freguesias de Mesão Frio e Santa Marta de Penaguião esse valor não ultrapassava os 1,8 ha. A estrutura fundiária era particularmente problemática nas freguesias localizadas a maiores altitudes, direccionadas a Norte – com enquadramento menos propício à vinha. Em oposição, nas freguesias vitícolas de maior implantação empresarial, a dimensão média das explorações agrícolas ultrapassava os 5 ha. Aí, persistiam algumas explorações com área superior a 20 ha, viáveis em termos económicos, envolvidas por um emaranhado de pequenos prédios rústicos de agricultores autónomos. A dicotomia sócio-cultural é um facto, sucedendo-se as freguesias onde 50 a 75% das explorações agrícolas possuíam área inferior a 1 ha, mas rodeando quintas como a do Côtto (Mesão Frio) com 116 ha, ou a das Murças (Peso da Régua) com 138 ha.

Decorridos 10 anos (1999) registou-se uma redução do número de explorações: em Baião ultrapassou os 40% nas freguesias de maior declive e parcelamento das explorações agrícolas (Fig. 2), a que se anexava a sede concelhia, dada a expansão urbana. Para o mesmo período, os concelhos integrados na RDD também registaram reduções do número de explorações, mas mais contidas, visto que raramente se ultrapassam os 20%. Recorde-se ainda, que enquanto em Baião a redução corresponde, na generalidade dos casos, a abandonos, no espaço vitícola a recessão equivale maioritariamente a “absorções” que as firmas concretizam adquirindo prédios contíguos às suas quintas. Neste contexto, a SAU recuou e, por vezes, de forma significativa. Foi o que se verificou em Baião onde ultrapassou os 50% em apenas uma década. Com efeito, se se excluírem as freguesias que registam maiores expansões dos núcleos urbanos, é na paisagem granítica que os declínios são mais nítidos, quer em número de explorações, quer em SAU (Figs. 2 e 3). O espaço vitícola é menos afectado dado o cenário que envolve a produção de Vinho do Porto, registando-se acréscimos significativos nas freguesias onde sobejavam espaços não ocupados pela vinha e com potencialidades para tal, ou naquelas onde se concretizaram investimentos empresariais. Apesar dos problemas referenciados, a RDD ostentava alguma viabilidade económica, o que a destacava relativamente ao restante espaço.

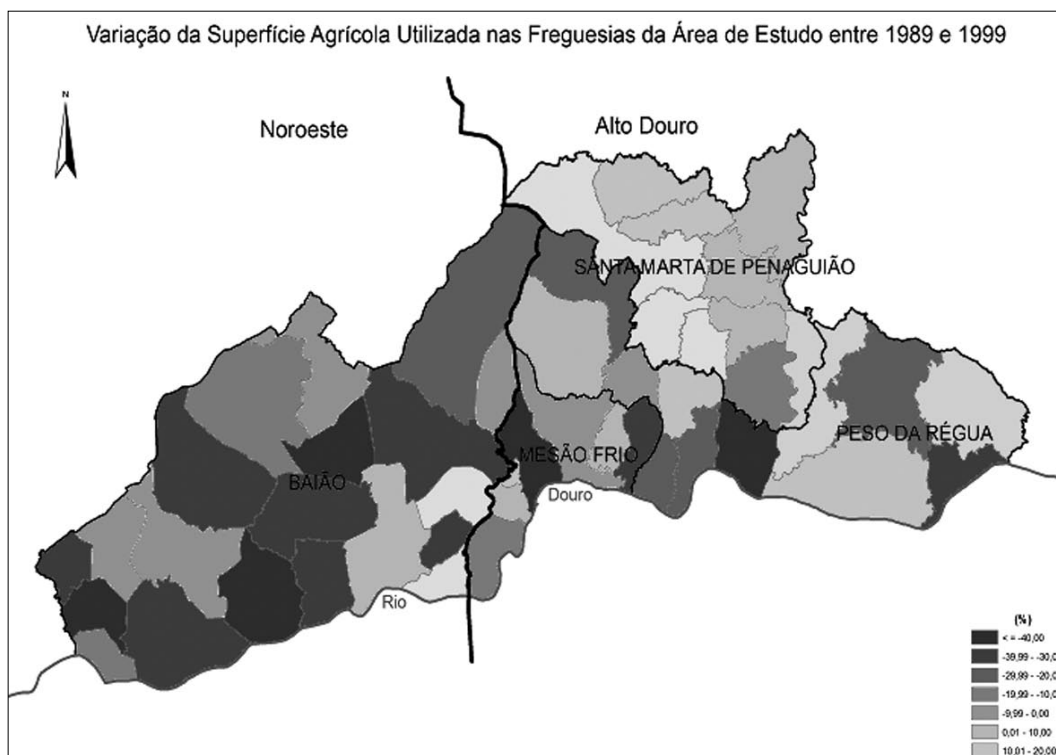


Figura 3.

No espaço vitícola dominavam as explorações com 2 a 4 blocos, valores que aumentavam nas freguesias menos valorizadas em termos vitícolas, designadamente nas de maior declive e de altitude menos favorável à obtenção dos vinhos mais encorpados. Aí multiplicavam-se os blocos com menos de 2.500 m<sup>2</sup>. Do mesmo modo, em Baião o parcelamento das explorações era inviabilizante em termos económicos, visto que, embora o número médio de blocos com SAU por exploração também se situasse entre 2 a 4, o seu número aumentou em 1999 nas freguesias com maiores declives.

Assim se foi degradando o quadro fundiário, restringindo-se a dimensão média dos blocos, como é o caso de Frende (3.800 m<sup>2</sup>), embora dominassem valores entre 0,5 e 1 ha. Já na RDD, apesar da situação também não ser favorável, nas freguesias com fortes investimentos empresariais, caso de Canelas, não só aumentou a dimensão média dos blocos entre 1989 e 1999, como se ultrapassaram os 3 ha por bloco em 1999. Com efeito, se nas freguesias mais periféricas o número médio de blocos aumentava, comprovando o progressivo parcelamento, nas proximidades do rio Douro, ou dos núcleos históricos vitícolas, a situação invertia-se. Este enquadramento favoreceu a progressiva subalternização do sector agrícola e os abandonados, dificultando a divulgação de inovações, para além de exigir um elevado número de assalariados, cada vez mais escassos, minimizando a manutenção dos terraços e muros de suporte, dados os investimentos em causa. A este quadro, juntaram-se as escassas apostas empresariais em Baião, tendo resultado na multiplicação de freguesias onde apenas subsistem produtores singulares autónomos. As excepções localizam-se a Sul, como sucede em Santa Cruz do Douro e Ribadouro, sendo que apenas em situações mais favoráveis, o valor se aproximava dos 15%, já que nos restantes, onde ainda pontuam algumas experiências empresariais, elas não chegavam a 8% das explorações.

As unidades de matriz empresarial incidem sobretudo no espaço vitivinícola duriense. Na verdade, o ascendente e valorização económica que o vinho do Porto detém, justifica o valor significativo de produtores empresários, excedendo mesmo os 40% nas freguesias ribeirinhas do Peso da Régua ou nas que se integram no núcleo vitícola histórico de Santa Marta de Penaguião. Apenas nas freguesias com menor implantação da vinha, localizadas a maiores altitudes e direccionadas predominantemente a Norte, as unidades empresariais podem ser inferiores a 10%.

Perante esta dinâmica de alteração, não é de estranhar que a mecanização seja muito incipiente nas duas unidades em observação, dada a estrutura fundiária encontrada. Com efeito, raramente se encontram mais de 10% de explorações com tractores, e apenas têm algum significado as máquinas de pequena dimensão como os motocultivadores ou os pulverizadores/pulvilhadores. As excepções situam-se nas freguesias onde persistem famílias nobiliárquicas ou naquelas onde pontuam fortes apostas empresariais como sucede em Canelas. Aí, em 1999, existiam 30 explorações com tractores, ou seja, as que tinham apostado na renovação dos vinhedos.

Em síntese, a estrutura fundiária permanecia muito precária na área em análise, aprofundando-se as clivagens pré-existentes e agravando-se a situação em Baião. Evidenciavam-se fortes contrastes territoriais, com os espaços menos favorecidos em termos vitícolas imersos numa estrutura de tipo familiar e em explorações inviáveis em termos económicos, particularmente se persistia uma policultura tradicional, como sucedia em Baião. Este quadro, para além de ter fortes raízes históricas, reflectia a interferência de factores de ordem física e de parâmetros de âmbito social, mantendo-se sobretudo o sector vitícola, mas à custa da minimização dos trabalhos agrícolas e da manutenção de todo o tipo de infraestruturas, nomeadamente dos terraços.

### **3. O QUADRO HUMANO DE APOIO ÀS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS**

Se o quadro fundiário denunciava dificuldades de desenvolvimento, tal ter-se-á repercutido no perfil cultural do agricultor. Na verdade, sobretudo em Baião, registava-se forte envelhecimento populacional, e um decréscimo de 50% em apenas uma década. Na região vitícola, embora o grau de envelhecimento dos produtores seja um facto, o quadro económico atractivo conteve a redução do número de produtores, sendo ocasionais os decréscimos superiores a 20%. Os produtores que ultrapassaram os 65 anos reuniam cerca de 30 a 45% do total na área em estudo, sendo que nas freguesias que registam apostas empresariais o cenário melhora, mas não muito, visto que 55 a 85% dos agricultores se inserem no escalão etário até aos 55 anos, embora na RDD incidam valores inferiores a 55% (Fig. 4). O envelhecimento dos produtores agrícolas associado à precariedade da estrutura fundiária, dificulta não só a adopção de novos conhecimentos técnicos, mas também a proliferação de novos investimentos e a manutenção de